ANO 7.º

Sexta-feira, 23 de Outubro de 1914

NUMERO 341

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Contra o regimen

E' posta em prática uma nova tentativa revolucionaria e imediatamente sufocada

No norte e no sul do pais --- A dinamite em acção --- Comboios alvejados --- Luta entre monarquicos e republicanos --- Manifestações em Lisboa das quaes resulta o compléto esfacelamento da imprensa monarquica --- Notas várias

De novo foi o país alarmado com mais uma tentativa para a quéda do regimen.

Do sul ao norte do territorio da Republica mãos infamemente criminosas salpicaram de bombas de dinamite as linhas ferreas; destruiram pontes e viaductos; arrastaram na sua simplesmente louca e maldosa intenção, homens, que, ou por uma extraordinaria e inexplicavel facilidade de sugestão ou por um reservado e acumulado odio contra as atuaes instituições, se deixaram levar na onda incerta, inviavel e indeterminada que os leva ao aniquilamento de sempre com o estigma infamante de traidores!

O que se acaba de passar e á hora que escrevemos se sabe, exige a mais profunda ponderação e o mais radical remedio, sendo cérto que no momento atual, o acto praticado merece justificadamente a classificação dum monstruoso crime de lesa-patria!

Não falamos por sectarismo nem até mesmo por simples partidarismo.

Falamos defrontados com a realidade inconfundivel dos factos e das cousas; falamos identificados com a soléne gravidade do momento, que, como uma mole enorme de granito, pende sobre a existencia da nossa nacionalidade; falamos com a consciencia e a ponderação que reconhecemos serem indispensaveis para que a Patria não sossobre, vergonhosa e miseravelmente a dentro desse mar furioso e encapelado, espumando em ondas gigantescas, que se desfazem em sua volta!

Não péza sómente sobre as cabeças desiquilibradas que produziram os anormaes acontecimentos de agora, o anátema dum povo que quer viver redimindo-se dum passado crapuloso e mesquinho: sobre elas cáe tambem a maldição duma Patria que se sente sufocada de oprobio e de vergonha na presença dos culpados e responsaveis por mais este vilissimo testemunho da sua **torpeza e do seu odio.**

E' a voz da Patria que desperta ainda esse sentimento que nos empolga e arrasta e que sempre nos tem mantido no posto onde nos encontrâmos, sem vaidades nem interesses, por quanto, com infinda e intima mágoa o dizemos, nenhuma individualidade ou govêrno nos prende e anima pèla sua leal orientação governativa no fiel e harmonico cumprimento de quanto se afirmou e disse ao povo português.

Mas seja a quem fôr que superintenda nos destinos da Nação cabe o indeclinavel dever, sob pena, no caso contrário, de ser mais indigno traidor que quantos nesse campo estão, de tomar as suas energicas medidas, sem tergiversações nem sentimentalidades vergonhosamente incompativeis com o desempenho e responsabilidade das suas funções, para que duma vez para sempre se liquide este estado social do qual cabe a maior razão da sua existencia á inadmissivel tolerancia e condenavel indulgencia com que todos esses falsos patriotas são julgados pelos seus crimes.

Depois duma série de julgamentos nos quaes sistematicamente se absolviam os criminosos por mais que exuberantemente estivésse provada a sua culpa; depois dos tribunaes militares que se constituiram apenas para julgar no maior numero das suas sessões—réus ausentes; depois do indulto; depois da justiça ser afrontada com fugas de presos de várias cadeias e até da Penitenciaria de Coimbra por elas se revelando o mais completo desprêso exercido na vigilancia exigida, veiu ainda o movimento de ha um ano preciso, seguindo-se a amnistia, considerada o ultimo golpe de misericordia dada nas tentativas dessas creaturas, que todavia muita gente e entre elas nós, tambem, supoz inutil e errada.

Mais cêdo do que julgávamos, a triste realidade veiu **confirmar a justiça das nossas** duvidas, a verdade irrefragavel dos nossos presentimentos e das nossas considerações.

E como num requinte de premeditada e negra ingratidão, os *revolucionarios* de ontem tentaram alvejar, juntos com infames relapsos de frustradas tentativas, a pessoa a quem devem a aberta iniciativa para a libertação de crimes passados na promulgação da amnistia—o dr. Bernardino Machado!

O trem em que s. ex.ª seguia foi alvejado por uma bomba que, rebentando, felizmente apenas forneceu ao alvo, o ilustre presidente do govêrno, um pedaço de metal do respectivo envolucro, que conserva como lembrança.

Que mais esperarão aqueles a quem cabe a defêsa da Patria e do regimen?

Que mais provas exigirão para que se convençam que a Liberdade não póde, indefêsa e inerte, esperar vencer nessa atitude os vendilhões que não a compreendem nem a respeitam?

Chegou a hora em que o sopro da tempestade deve partir, transformando-se em rijo vendaval, soltando rugidos por entre a cerração da procela, na amplidão do espaço; furacão, varrendo do solo patrio a cáfila danada e impenitente que se não envergonha de macular com porfiada tenacidade, a face augusta da Patria!

A Patria e a Republica não pódem morrer assim.

E' preciso que a magestade do Poder não se abisme nas dobras de sentimentos, já agora mais do que incompreensiveis: criminosos.

E' indispensavel que a força imensa da Lei, do Direito e da Democracia não se deixe esmagar pelos atropelos de inconscientes nem pelos crimes de desnaturados.

Não basta a palavra Republica existindo como cousa efemera, impalpavel e invensivel.

E' inadiavel que se ligue, que se junte á palavra, a realidade da Republica mantendo a sua defêsa e a sua existencia contra os miseros que numa luta estéril e vã, todavía a tentam ferir e conspurcar sem tino e sem honra, num estrebuchar de bandidos ébrios e de traidores conféssos.

OS ACONTECIMENTOS

Como deles se teve conhecimento em Aveiro

Na terça-feira logo de manhã começaram de circular nesta cidade boatos de que para o norte alguma coisa de anormal se havia passado durante a noite visto a marcha dos comboios ter sido reduzida e em alguns pontos os guardas da linha ferrea encontrarem, espalhadas, bombas de dinamite por rebentar, algumas de grosso calibre, como mais tarde se verificou. Procurando informes não nos foi dificil saber que realmente os realistas tinham posto na rua uma esfrangalhada procissão, que nada os acredita, antes os coloca na desgraçada situação de degenerados, de criminosos da peor especie.

Narremos, seguindo quanto possivel de perto os pormenores da façanha.

Nota oficiosa

Cêrca das 23 horas o sr. governador civil mandava afixar num dos pontos mais centrais a seguinte comunicação recebida de Lisboa:

Apezar de algumas interrupções telegraficas e ferro viarias ocorridas durante a noite passada e já reparadas, a ordem não foi alterada no paiz. Em Bragança e Mafra as tentativas de perturbação foram logo sufocadas pela disciplina militar, secundada pela dedicação e lealdade da população republicana, e em Mafra um bando de amotinados saíu, estando sendo perseguido pelas forças regulares.

Consta que em Bragança o suposto chefe da tentativa, o ex-coronel do exercito Adriano Beça, conspirador relapso, foi preso.

Ao mesmo tempo, sobre o que se passou nas linhas ferreas, a Companhia informava:

Os pontões situados entre as estações do Carregado e Azambuja e Santarem e Vale de Figueira foram dinamitados, sofrendo pequenos estragos, que durante o dia de hontem foram reparados.

As comunicações telegraficas e telefonicas, quer do governo, quer da Companhia, foram cortadas em diversos pontos.

Só se falava com o Entroncamento na linha do Norte e Leste e com o Cacem na linha de Oeste. O descarrilamento havido entre Sabujo e Mafra foi motivado pela explosão de duas bombas de dinamite. Os estragos causados foram reparados durante o dia, restabelecendo-se o serviço de comboios pela tarde no ponto interceptado.

Fizeram-se todos os comboios do horario para todas as linhas, sem incidente, chegando alguns com atrazo. O correio do Norte e Beira Baixa chegou ao Rocio com quatro horas de atrazo.

Nas linhas da Beira Baixa e Leste não houve alteração e nas linhas de Cascaes, Cintra e cintura, suburbios da capital, o movimento de comboios foi o normal.

A guarda fiscal em serviço nas estações ferro viarias esteve de prevenção.

O comboio da Figueira, que devia chegar ás 12,27, devido ao trasbordo no ponto do descarrilamento, chegou com duas horas de atrazo.

O rapido do Porto chegou á sua hora, tendo feito a viagem com precaução.

Proximo da estação de Espinho foram encontradas seis bombas, que foram removidas.

Soube-se mais tarde que não só o que esta informação contem é verdadeiro como ha a acrescentar outras de capital importancia. Assim entre a estação de Valadares e o apeadeiro de Francelhos haviam sido colocadas sete bombas na linha descendente, bombas que eram todas de grandes dimensões.

Em Miramar foram tambem encontradas cinco bombas sobre os *rails*, na linha ascendente.

Um empregado da alfandega, que móra em Valadares, ao dirigir-se de manhã para o mar, onde ia lançar umas rêdes, encontrou as bombas a que acima fazemos referencia e, como se lembrásse de que estava proxima a passagem do comboio correio, vindo de Lisboa, correu a avisar a guarda da linha, que ao aparecer a lomotiva, fez repetidos sinaes, que levaram o comboio a parar a distancia.

Essas bombas foram removidas da linha e levadas para a estação de Valadares.

Em Miramar foram tambem apanhadas sobre a linha descendente cinco bombas de eguaes dimensões, que haviam sido colocadas junto dos *rails*, e tendo uma, e outras comprido rastilhos. O mesmo aconteceu nas proximidades de Estarreja e noutros pontos da extensa rêde, não havendo, contudo, nenhum desastre gráve a lamentar.

Ao mesmo tempo que estes factos se assinalavam, os inimigos da Republica praticavam córtes nas linhas telegraficas e telefonicas ficando assim interrompidas as comunicações, pelo que foram tomadas providencias para o caso de qualquer eventualidade. Estas providencias, porém, cessavam imediatamente logo que se teve conhecimento de que o socego e a tranquilidade em todo o territorio da Republica, incluindo Lisboa e Porto, era completo. Nesta ultima cidade onde se publica a *Liberdade*, jornal reaccionario, com séde na Galeria de Paris, tem estado a sua redacção guardada por forças da policia e de cavalaria com receio de algum assalto, visto os animos se encontrarem bastante exaltados.

Em Bragança

O movimento não chega a vir para a rua — Prisão dum ex-oficial de patente elevada

Está averiguado que Bragança era a terra do norte onde os realistas se prepararam para secundar a intentona que fracassou.

Em infantaria 30 descobriram-se certos preparativos de insubordinação por virtude dos quaes foram logo detidos alguns militares. Uma patrulha da guarda republicana, que fôra mandada para os arredores, prendeu o ex-coronel Adriano Beça, conspirador julgado e condenado á revelia e que no distrito mantem ainda muitas relações e larga influencia.

As autoridades sabiam até que ele introduzia armamento para os monarquicos, vigiando-lhe assim todos os passos para melhor comprovar os trabalhos revolucionarios em que andava empenhado. Trabalhos que aliás resultaram inuteis desde que os correligionarios não estiveram para danças.

Em Mafra

Os insurrectos travaram combate, sendo, por ultimo, aniquilados

Onde os acontecimentos tiveram maior repercussão foi, sem duvida, em Mafra. Naquela localidade, que, como se sabe, fica proxima de Lisboa, os realistas, secundando a obra de malvadez que vimos relatando, executada pelos destruidores das linhas ferreas, assaltaram, com consentimento do tenente de cavalaria, Henrique Constancio, celebre figura do *complot* de Torres Novas, coadjuvado por alguns sargentos, o quartel e escola de tiro instaladas no convento da vila o que deu logar a que a guarnição, que dormia, não tivesse tempo de se defender.

O primeiro acto dos invasores consistiu em apoderar-se das espingardas e das munições, armando rapidamente um numeroso grupo de civis, que se espalhou pelas várias companhias, soltando vivas á monarquia e intimando a rendição. Calcula-se em 200 o numero de espingardas roubadas e em 28:000 o numero de cartuchos. A bréve trecho, porém, os invasores sofriam a mais dolorosa decepção. De toda a força militar existente em Mafra apenas uns 12 ou 15 soldados se colocaram, sem resistencia, ao lado dos assaltantes. As ultimas duas companhias, acometidas por estes, tivéram tempo de

se levantar e preparar e barrarem-lhes energicamente a entrada, de baioneta em riste. Entretanto, os revoltosos continuavam dando volta ás dependencias do quartel invadido, escangalhando o paiol da polvora, de onde levaram quantas munições pudéram e limpando de armas a carreira de tiro. Assim conseguiram armas um grupo de populares, que uns computam em 200 ou 300, outros em 600 ou 800.

A esse tempo, o tenente e os quatro sargentos, cujas manobras em prol de um movimento monarquico já se tornavam notadas nos ultimos mezes, tinham assaltado as residencias dos oficiaes, aprisionando-os e conduzindo-os para uma das salas. O cabeça de motim era, salientemente, o tenente Constancio. A' medida que ia aprisionando oficiaes, ia-lhes oferecendo o comando da revolta:

—Garanto-lhe que o movimento é geral—eram as suas palavras sacramentaes. E acrescentava: *A monarquia já está proclamada em Lisboa.*

Apesar disto, nenhum oficial, desde o major comandante da escola até ao oficial de inspecção, aceitou o indecoroso convite. Todos, indignamente, verberaram o traiçoeiro procedimento do embusteiro.

Feita a colheita de armas e munições, os monarquistas saíram para a rua. Na sala ficaram presos os oficiaes e o administrador do concelho, sr. Abilio Quintão, que um grupo de civis fôra, entrementes, buscar a casa e conduzira para ali. Além do tenente Constancio, que se decidira a tomar o comando da *cégada*, dos quatro sargentos acima citados, de dois cadetes e de uns 12 ou 15 soldados, não havia no grupo de revoltosos senão alguns conhecidos monarquicos da vila, ricos proprietarios, sendo a massa composta de inconscientes, pobres diabos, que estão mais ou menos na dependencia daqueles ultimos. O grupo percorreu as ruas em tropel, soltando vivas á monarquia e incitando a população a pegar em armas. Salientavam-se nesse apelo um esturrado monarquista chamado José Maria de Almeida, empregado superior da casa Mendonça, tido como cabecilha do elemento civil; o advogado Pacheco Soares, os ricos proprietarios Francisco Simões de Passos e seu cunhadó Silvio Lucas da Silva, Francisco Saloio, proprietario de predios e de vários moinhos e uma padaria, e outros categorisados antigos caciques de Mafra.

O alvo, o fito principal dos insurrectos, era, evidentemente, levantar a população civil. Eles contavam com isso como cérto, e assim se explica que todo o seu empenho no quartel consistisse em surripiar a maior quantidade possivel de armas e munições. Afinal, a decepção foi tremenda. A população, na sua grande maioria, se algum partido tomava, era francamente hostil ao criminoso acto. Desesperados, os monarquistas começaram então a arrebanhar gente á força: popular que passasse e não conseguisse fugir era agarrado e obrigado a pegar numa arma. Assim conseguiram eles ir distribuindo uma porção grande de armamento, que saíra do quartel em tres galeras, para esse fim ali conduzidas na ocasião do assalto.

Durante toda a manhã e ás primeiras horas da tarde de terça-feira a vila esteve em poder dos revoltosos. Organisaram patrulhas, que tomaram as entradas e não cessaram de tentar sublevar a população. Como esta se não mexesse, apanharam ainda alguns soldados que tinham sido desarmados e obrigaram-nos a enfileirar na tropa o que, afinal, não redundou senão em seu prejuizo, porque todos eles trataram de se encher de munições e, na primeira oportunidade, fugiram, indo juntar-se aos seus companheiros do quartel. Entre os revoltosos á força, apanhados por este processo, figuraram, ao que parece, dois soldados da guarda republicrna, do grupo destacado na vila, que ante-ontem tinham saido, pelos arredores da povoação, em patrulha, e que não voltaram a aparecer.

Desesperados pelo insucesso, acossados pela atitude cada vez mais hostil da população, e cada vez mais receiosos de um ataque subito, os monarquistas, pouco depois do meio dia, começaram a preparar-se para bater em retirada. Os grupos civis que tinham ficado no quartel de guarda aos prisioneiros abandonaram o posto, deixando os oficiaes e o administrador recuperar a liberdade. Entretanto vários oficiaes, entre eles o capitão Alvaro Pope, trátavam de organisar a guarnição do quartel para lhes dar combate. E apezar de saberem que tinham em seu poder quasi todas as armas, de tal fórma se foi apoderando deles a intranquilidade que, cêrca das 13 horas, já todos eles tinham batido em retirada, em direcção a Torres Vedras, tendo-se apossado de vários veículos, em que faziam conduzir as armas e munições sobrescelentes. Nessa retirada, os grotescos revolucionarios não deixaram de arrebanhar quem encontravam pelo caminho. Dois cantoneiros que andavam a concertar a estrada lá seguiram incorporados na caravana, apesar de nunca terem pegado numa arma.

Emfim, um combate

A' perseguição dos revoltosos pela força organisada no quartel, seguiu-se como era natural, um combate. Esta estava quasi toda fiel; o que havia era falta de armas e munições. Juntando tudo e incorporando as duas companhias que haviam feito frente aos assaltantes conseguira-se reunir um grupo de 74 praças, incluindo as seis que restavam do destacamento da guarda republicana, comandadas pelo sargento Antonio Beato Ferreira. Assumiu o comando superior da força o capitão sr. Oliveira Gomes, tendo como subalternos o capitão Pope e os tenentes srs. Lara e Andrea, todas dà escola de tiro. Mas as munições eram pouquissimas; alguns soldados não levavam mais de 10 cartuchos.

Os valentes rapazes iam animados de uma coragem que não deixava duvidas sobre a violencia do ataque.

Percorreram-se 10 a 12 kilometros. Raras pessoas que passavam eram interrogadas sobre a passagem dos fugitivos. As informações assim colhidas eram unanimes: os fugitivos iam em demanda das linhas de Torres.

Por fim, a uns 18 kilometros de Mafra, entre as povoações de Encarnação e S. Pedro da Cadeira, o rodado das galeras que servia de pista á força indicou que os fugitivos tinham deixado a estrada, subindo uma vereda, á esquerda, atravez de umas leiras de terra lavrada. A pequena força começa agora a avançar com precaução, prevenida contra qualquer embuscada. O terreno é perigoso, porque, além de ser cercado de colinas, onde os revoltosos deviam ter tomado posições, oferece o inconveniente de uma vegetação bastante espessa, que não deixa vêr a bastante distancia. Atravessam um pinhal no fundo de uma cova, quando, de repente, o inimigo surge. Conforme a espectativa, tinha-se instalado num dos pontos mais altos da colina, de onde domina todo o vale. Os soldados descobrem aquí e ali, encobertos pelas saliencias do terreno, homens de carabina apontada.

E' o principio do combate.

Renhido tiroteio

Mortos e feridos

Corajosamente, á ordem de avançar, a pequena coluna sobe a colina ao encontro do inimigo. Uma parte eucobre-se com um massiço de pinheiros; a outra ataca em campo razo. Durante minutos o tiroteio é renhido. São 15 horas. Os insurrectos estão excelentemente colocados; tiveram tempo de procurar o terreno.

Um dos oficiaes, que estava montado, é forçado a apear-se, devido á pertinacia com que é visado. Entretanto a coluna avança sempre, sobe sempre, chegando o tenente Andréa, com os seus homens, a uma distancia de duzentos metros apenas. O inimigo, apezar da superioridade numerica e da grande vantagem das suas posições, não se atreve a avançar. Todavia, o seu ataque, traiçoeiro e violento, começa a causar prejuizos. Um 1.º cabo de infanteria 16 fica prostrado sobre uma pedra, com a carabina á cara, instantaneamente morto com tres balas em pleno peito; a pequena distancia, outro cabo cae tão gravemente ferido que não tarda a morrer. Entermentes da parte dos revoltosos é hasteada a bandeira branca e no seu campo recolhem-se feridos ou mortos em avultado numero.

Mas a pequena e heroica coluna começa a não ter munições; continuar a atacar é expôr-se a perder mais homens, é sacrificar-se inutilmente. E, recolhidos os dois mortos, socorrido um ferido sem gravidade e acabado um cavalo que ficara com uma perna partida, a coluna retira, de regresso á vila, onde a população a recebe com delirantes aclamações.

Ainda a guerrilha

De Lisboa são enviadas forças para a desalojar

Dados os acontecimentos que ficam relatados para edificação das gentes monarquistas, o govêrno tomava a resolução de enviar de Lisboa, ao encontro dos insurrectos, dois esquadrões de cavalaria 4 e a 1.ª bateria de artilharia de Queluz, com 6 peças, e que chegadas a Mafra ali acamparam até á madrugada de quarta-feira em que voltaram a iniciar a marcha sobre o campo inimigo com o proposito de lhe dar batalha. No entretanto são efectuadas bastantes prisões de conspiradores, reconhecidos como taes, ouvindo-se a cada passo indignadas imprecações contra eles de envolta com entusiasticos vivas á Republica, á Patria e ao exercito.

Dos esforços empregados para aniquilar a guerrilha, não se conseguiu, porém, mais do que constatar a sua fuga com abandono do armamento. Foi preso o tenente Henrique Constancio, que tomara o comando da revolta assim como um sargento que nela desempenhou preponderante papel. Os restantes revoltosos andam dispersos pelos montados, charnécas e baldios da região, tendo-se formado vários grupos de civis para lhes dar caça.

Em Lisboa

não ha qualquer pronunciamento realista mas as redacções dos jornaes monarquicos sofrem assaltos, sendo espatifadas

Pelas 19 horas da mesma terça-feira, conhecidos que foram mais ou menos circunstanciadamente os intentos da canalha realenga, reuniu-se na Praça de D. Pedro, em frente á sucursal do *Seculo* numeroso ajuntamento que comentava os sucessos. Havendo, porém, quem propozesse uma manifestação de simpatía aos jornaes republicanos, logo muita gente se encaminhou em direcção aos seus escritorios soltando ardentes vivas ás instituições e morras aos seus adversarios.

Tendo assim vitoriado o *Intransigente*, o *Mundo*, a *Republica*, a *Lucta* e o *Seculo*, os manifestantes retrocederam e, de novo no Largo do Calhariz, vitoriando a *Lucta*, encaminharam-se para a rua da Emenda onde ficam os escritorios da *Restauração*, pasquim dirigido por um asqueroso renegado das ideias avançadas muito conhecido pela sua vida de aventuras tanto em Portugal como no estrangeiro.

Aí, os morras aos monarquicos foram vibrantes, e, como quer que aparecessem ás janelas da redacção uns individuos armados de agulhetas, que começaram a despejar agua para a rua, os manifestantes pegaram em pedras e lapidaram os vidros das janelas.

Uma patrulha de cavalaria da guarda republicana, que acudiu, tentou embalde socegar os animos auxiliada pelo guarda 1:277, o que prendeu o porta bandeira no atentado do cortejo a Camões. A exaltação subiu de ponto quando se ouviram, das janelas da redacção, duas detonações, pois que foram disparados tiros sobre o povo, segundo o testemunho de alguns individuos.

O que se passou exacerbou ainda mais os que se manifestavam contra a gazeta monarquica; mas tendo ido o 1:277 avisar do caso o capitão Esmeraldo ao govêrno civil apareceram o capitão Carmo e alguns policias, uma força de cavalaria da guarda republicana, sob o comando dum sargento e outra de infantaria da mesma guarda, comandada por um cabo, entrando esta ultima na redacção onde logo compareceram vários agentes com alguns guardas da judiciaria para averiguarem do sucedido.

A guarda republicana, com o indignado protesto dos manifestantes, começou a fazer dispersar estes, distribuindo depois patrulhas pelas embocaduras. Furiosos, os que protestavam voltaram a descer o Chiado, mas para se reunirem novamente no Rocio e avançarem segunda vez, então em mais numeroso grupo, sobre a rua da Emenda.

Passando no Chiado, a multidão invadiu uma sucursal que a *Restauração* instalara numa sobreloja, perto da tabacaria Americana, e tudo destruiu, atirando com os restos para a rua, depois do que seguiu para junto dos escritorios, onde já então estava uma força de 25 praças de cavalaria, comandada pelo tenente Silveira, não se fazendo esperar outra de infantaria, tambem comandada por um tenente.

E como a multidão vociferasse ululante e das janelas lhe respondessem com novos jactos de agua, que encharcaram o predio fronteiro, onde está o Colégio Alemão, e molharam literalmente o comandante da força de cavalaria, a infantaria subiu aos escritorios e prendeu quantos ali se encontravam, umas vinte pessoas, que viéram para a rua, em meio de uma escolta de soldados de infantaria, rodeada por soldados de cavalaria.

Não se descreve o desespero que invadiu os manifestantes ao aparecerem os presos. Os soldados tivéram enorme trabalho para lhes conter os impetos e foi em meio de uma balburdia ensurdecedora, por entre vivas e morras, que a leva tomou á rua do Ferregial, atravessou a rua Serpa Pinto e veiu ao largo da Bibliotéca Publica, para se encaminhar ao govêrno civil.

Na redacção apreendeu tambem a policia vário armamento.

Depois, formaram-se grupos que se dirigiram ás redacções dos *Ridiculos*, na rua da Barroca, esquina da travéssa da Queimada; do *Talassa*, na rua da Rosa e do *Jornal da Noite*, na rua do Seculo, esquina da rampa dos Inglezinhos. Ás casas foram arrombadas e tudo quanto continham arrojado para a rua, onde a mobilia, as portas e vidraças ficaram em pedaços, juntamente com os massos de jornaes, de que fizêram variados autos de fé, tudo destruindo, partindo e queimando em meio de entusiasticos vivas á Republica e indignados morras aos conspiradores.

Na redacção do *Jornal da Noite*, cujo director havia sido pouco antes agredido no Chiado, encontraram os manifestantes umas bombas que foram entregar á policia, ficando a rua do Seculo pejada de destroços e tendo terminado o *empastelamento* cêrca da 1 hora de ante-ontem, sob uma chuva meuda, que não impediu a tarefa dos destruidores, entre os quaes se viam apenas rapazes e homens bem vestidos, que propositadamente afastavam de junto de si os maltrapilhos que acudiam, atraidos pela barafunda.

O govêrno já antes ordenára que a *Restauração* fôsse suspensa, em virtude de ofensas dirigidas á comissão dos oficiaes que superintende na compra de material de guerra. Em frente da *Nação*, tambem houve manifestações hostis, mas os seus escritorios foram poupados a pedido de dois policias que os guardavam e que se dirigiram urbanamente á multidão.

Quando da segunda manifestação na rua da Emenda, apareceu ali o tenente-coronel da guarda republicana Luiz José Maia, a quem os manifestantes saudaram com muitas palmas e vivas.

As casas assaltadas ficaram, de madrugada, guardadas pela policia, tendo-se reunido á noite, no govêrno civil, o chefe do distrito e os oficiaes do corpo, com o seu comandante. A policia ficou de prevenção em todas as esquadras, indo um piquete guardar o *Club Tauromaquico*, no Chiado, e sendo dadas ordens para que nas barreiras da cidade houvésse a maxima vigilancia com a passagem de veículos.

Socêgo em todo o país

A' hora que o *Democrata* entra na maquina o socêgo é geral não se tendo dado mais nenhum facto, além dos relatados, que autorise a supôrem-se ainda latentes novas investidas dos adeptos da *Falperra de manto e corôa*.

Principalmente em Lisboa o numero das prisões efectuadas é avultadissimo. Não escapou o ex-anarquista da *Restauração* assim como outros companheiros, tão sincéros como ele, hoje monarquicos dos quatro costados para melhor governarem a vida.

Tambem teem sido feitas várias buscas com optimos resultados. Espera-se que o govêrno adote medidas energicas e rapidas contra os que neste momento se atreveram a perturbar a nação quando o que naturalmente estava indicado era a maxima serenidade para resolver os delicados problemas internacionaes que temos entre mãos.

* * *

Diz-se que o govêrno vai publicar um decreto com o fim de submeter os rebeldes a julgamento no mais curto praso de tempo.

* * *

Grande numero de manifestantes republicanos reunindo-se de novo numa das praças de Lisboa foi pela segunda vez á séde da *Restauração* acabaddo de inutilisar tudo quanto lá se encontrava, inclusivé um cofre que foi lançado por a janéla fóra.

Notas várias

Ante-ontem, cêrca das seis horas, quando o trabalhador auxiliar de via e obras João Rosa vinha da estação de Quintans em direcção á desta cidade onde lhe deveria ser entregue um passe para seguir um novo destino, encontrou ao kilometro 271|100 o assentador Antonio Tavares que andava em serviço de ronda á linha.

Interpelado por este para que declarasse para onde ia e intimado a parar, o João Rosa supoz que se defrontava com algum gatuno que pretendesse rouba-lo como sucedeu dias antes proximo a Oliveira do Bairro, facto que era do seu conhecimento. Convencido da verdade desta suposição, o Rosa arripiou caminho e deitou a fugir o que lhe valeu ser ferido, ainda que levemente, por chumbo dum tiro que sobre ele fôra disparado pelo guarda Antonio Tavares.

O proprio ferido, que está no hospital a refazer-se do susto e esperando a extracção do chumbo que lhe penetrou numa nadega, foi quem nos descreveu o que acima referimos, arrependido agora da sua desnecessária precipitação e infundados receios.

Films . . .

A policia

Na sua furia depreciativa, que lhe não levâmos a mal por sabermos bem onde lhe morde, o *Camaleão* vem dizer-nos agora o seguinte, como complemento ao mais que o hade imortalisar antes mesmo de lhe caír o ultimo dente:

«Ouvimos que o sr. governador civil se interessa pela reforma e aumento do reduzido quadro da policia civica do distrito. E' um serviço publico de importancia. Mas que a reforma comece pela cabeça e acabe nos pés, visto como todo aquêle corpo, com raras e honrosas excepções intermediarias, se acha combalido.»

Merece que se lhe faça a vontade. Com uma condição apenas: de elucidar, no fim, porque é que sendo tão *republicano* e tão *democratico* destes se mostra tão adverso quando cumprem com os seus deveres.

No fim, mas desde que apresente fiador idoneo, entenda-se...

As novas inspecções

Tambem não é do agrado dos *pardos* da Vera-Cruz a determinação superior que ordenou as novas inspecções militares, sobre tudo se élas se estenderem aos mancebos recenseados de 1901 para cá, assim como lhes causa cértos engulhos a partida de tropas para o teatro da guerra, não obstante a *valentia* de que são dotados alguns conhecidos marmanjolas, já exalçada nas colunas do nojento pastelão.

Que mais virá que sirva melhor para desmascarar os tartufos?

O "Toi„

Que viria cá fazer um destes dias o alma danada da *Soberania*?

Empertigado, o *Toi* dava-se ares por essas ruas fóra e a muita gente causou estranhêsa ve-lo desacompanhado.

Viria ao cheiro?...

Comandante Braziél

Uma tremenda fatalidade, pois que nada fazia prever tão cedo o triste desenlace, acaba de cobrir de luto pesado o nosso preclarissimo amigo sr. José Cristino Braziél, muito digno comandante do regimento de infanteria 24 aquartelado nésta cidade.

Sua esposa, D. Albertina Amelia Lobo de Abreu Braziél, senhora de pouco mais de 50 anos e que era o prototipo da bondade aliada a uma fina educação, que a tornava distinta entre as mais distintas damas da sociedade, de tal modo se lhe agravaram ultimamente os seus padecimentos que na sexta-feira exalava o ultimo suspiro partindo da vida, onde só deixou saudades, para a vasta região do infinito em que a humanidade se perde, terminada que seja a sua função na terra. E assim, calculando o quanto deve ter sido penosa para o sr. Cristino Braziél a separação brusca da sua leal companheira de tantos anos, o quanto deve ter sofrido o seu coração com a irreparavel perda que hoje tanto o mortifica, daqui o acompanhâmos no profundo desgosto porque está passando e para o qual não ha palavras nem linitivo que o possam dissipar neste infortunado momento.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, **ao Rocio**

Notas mundanas

Com pequena demora esteve nésta cidade o nosso conterraneo sr. dr. Casimiro Barreto Ferraz Sachetti, que retirou já para Amarante onde tem residencia.

=Tambem aqui estivéram os srs. José Francisco Pereira, da Poutena; Francisco Craveiro de Jesus, de Eirol; Manuel da Cruz Manuelão, da Oliveirinha; dr. Abilio Marques, da Costa do Valado e Ventura Simões Aidos, de Agueda.

=Acha-se doente de cama, tendo o seu estado inspirado receios, o sr. Manuel Augusto da Silva, habil mestre de obras, que felizmente se encontra um tanto melhor.

=O sr. Gustavo Ferreira Pinto, que partiu para Lisboa afim de se sugeitar a uma melindrosa operação, continua na mesma, sem melhoras, segundo noticias recebidas.

=Regressou do Congo Belga, aparentando boa saude, o nosso patricio sr. Belarmino Couceiro, que ora se encontra na Costa Nova do Prado.

=Registou-se na quarta-feira, recebendo o nome de Carlos de Barros Miranda Simão o filhinho recemnascido do nosso amigo sr. Antonio Felizardo.

Foram padrinhos o sr. tenente da administração militar Carlos Gomes Teixeira e sua esposa a sr.ª D. Maria da Purificação Gamélas Teixeira.

=Com sua mãe e irmãs, regressou da Costa Nova o estimavel aveirense, sr. José de Souza Lopes.

=Tambem dali regressou, indo fixar residencia em Lisboa, o sr. Bernardino Alves Corrêa.

=Está retido em casa com um ataque de gripe o nosso dedicado amigo sr. Alfredo de Lima Castro a quem desejâmos prontas melhoras.

=Para o desempenho duma comissão de serviço nos correios e telegrafos foi temporariamente viver para o Porto, acompanhando-o sua familia, o sr. Amadeu Tavares Pinto.

=Embarca por estes dias com destino a Santarem, no Pará, o sr. Silverio Amador, rapaz de apreciaveis qualidades que de ali havia regressado ainda ha pouco a casa de sua familia, nas Ribas.

Desejâmos-lhe uma bôa viagem assim como todas as felicidades de que é digno.

Pró humanidade

Acham-se em Aveiro as distintas actrizes cantoras Delfina Victor e Mariana Rodrigues, o tenor José Sobral e o maestro Fernando Actos, que ámanhã, darão um espectaculo no nosso teatro cujo produto reverterá a favor da subscrição aberta pelo *Seculo* para os feridos da guerra.

Com o mesmo destino e o melhor exito tem *o* grupo realizado espectaculos nas várias terras por onde tem passado auxiliando désta maneira uma das grandes iniciativas daquêle jornal.

* * *

Para o mesmo fim a banda dos Bombeiros Voluntarios promove no proximo domingo um festival no Passeio Publico, com entradas a 5 centávos, o que é de todo o ponto louvavel, atendendo á sua aplicação.

O festival deve começar ás 19 horas e prolungar-se até ás 22 em que a banda, sob a habil regencia do sr. João Pinto de Miranda, executará os melhores trechos do seu variado e selecto reportorio.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

"PATRIA„

E' assim intitulado um novo jornal cujo primeiro numero recebemos. Sendo propriedade da Emprêsa de Propaganda e Fomento da Africa Oriental Portuguêsa, publica-se semanalmente na Beira e o seu aspecto é o dum jornal moderno a que não falta selecta e variada colaboração.

Cumprimentando o colléga, a quem agradecemos a visita, só desejâmos que possa cumprir á risca o seu patriotico programa obtendo **as maiores prosperidades.**

Uma conferencia notavel

sobre a intervenção de Portugal na guerra

O eminente republicano dr. Alexandre Braga, realisou no domingo no teatro Politeama, de Lisboa, uma conferencia patriotica que não só causou a mais viva impressão em todos quantos tivéram ensejo de a ouvir, mas tambem serviu para confundir cértos elementos que, transviados do verdadeiro caminho, se entretinham a fazer a propaganda da neutralidade sem que ninguem os detivésse na sua marcha, opondo-lhes, como fez o ilustre conferente, o necessário dique.

Ouçâmos, por isso, as palavras do grande tribuno, que o *Democrata* arquiva cérto de que precisam ser tão espalhadas quanto conhecidas.

Temos de caminhar para o futuro de cabeça erguida, sem o remorso da traição e da cobardia

O Partido Republicano Português, a que se orgulha de pertencer—começa, serenamente, o sr. dr. Alexandre Braga—tomou a iniciativa de promover uma série de conferencias destinadas a ilucidar a nação sobre as razões de caracter nacional que tornam conveniente e até necessaria a participação que vamos ter na atual conflagração europêa.

Essas conferencias, além de equivalerem a um indeclinavel dever politico de todos os partidos, porque não póde haver organismo social ou politico que possa honradamente furtar-se, em lances decisivos, á obrigação moral de, justificadamente, dar ou negar apoio a resoluções que insofismavelmente estão ligadas ao destino da Patria, correspondem tambem a uma imperiosa necessidade de opôr uma propaganda patriotica, metodica, ás dissolventes, ás desnacionalisadoras doutrinas que degenerados e traidores, inconsciente ou mercenariamente, propagam, espalham e defendem, numa impunidade que não póde, por nosso brio, consentir-se jámais.

O seu espirito, tolerante por principio, educação e disciplina, poderia ter compreendido, embora a repelisse, uma opinião discordante, quanto a adotar-se uma subtil e coleante neutralidade, em face dos acontecimentos atuaes. Mas tal atitude corresponde a um sintôma de morte, porque os povos, por deveres resultantes de tratados, ainda não caducos, os povos que prezam acima de tudo o brio e a honra e que teem a consciencia nitida do direito e do fundamento historico da sua existencia, não pódem, por principio algum, conservar-se estranhos a uma luta em que não se defendem apenas as conveniencias de cada um, mas em que vae jogar-se o destino de todos.

Pensará alguem que esta gigantesca e ciclopica luta, só porque se dá longe de nós, não poderá atingir-nos?

Esse alguem, se existe, cometerá o ingenuo erro de quem supozésse que as catadupas de agua arrastadas pelas tempestades poderiam deixar de vir arrazar as suas leivas e campinas, destruir o seu trigo, a fortuna, a alegria do seu dôce e carinhoso lar.

Mas, se a sua tolerancia póde admitir a cegueira desses espiritos, outro tanto não sucéde com a opinião refletida dos que pretendem que nos esquivemos ao respeito devido á letra do nosso tratado de aliança com a Inglaterra. Não; e para si não são portuguêses aqueles que nos incitam á cobardia e á desonra.

Não são dignos desse nobilitante nome os que nos julgam capazes de uma perfidia, do esquecimento do que devemos ao passado e a nós proprios, nesta hora de preparação do futuro, em que queremos talhar uma vida de independencia, sem manchas e sem vergonhas, para que possamos seguir, de cabeça erguida, sem o inquietante remorso da traição ou da cobardia.

Todos os povos latinos estão ameaçados pela horda de barbaros que invocam Deus para a matança

Proseguindo, com crescente veemencia, o orador declára não admitir, sequer, a possibilidade de uma atitude neutral, a menos que tal atitude seja abrigada pelos homens que teem responsabilidades publicas em face da politica externa, perante os deveres contraídos com a Inglaterra. Neste momento e nesta situação, em que todas as bandeiras se abatem, não pretende fazer politica, nem mesmo, o que sería licito, acentuar a importancia da gigantesca obra financeira realisada por Afonso Costa, tirando desse facto todos os ensinamentos e fecundas lições que ele encerra.

Mas um facto ha, para o qual chama a atenção de quem o ouve: é o do Partido Republicano haver mantido, desde o primeiro instante, a atitude desassombrada e patriotica, defendida por Afonso Costa na historica sessão parlamentar de 7 de agosto.

Se responsabilidades nos cabem dessa atitude, sem hesitações, sem rodeios ou habilidades, reclamamos tambem a gloria de havermos visto, desde a primeira hora, o caminho unico que a Republica devia palmilhar, segura do dever cumprido, satisfeita com a certeza de que o seu procedimento honrado nos garantia o nosso prestigio como nacionalidade, a consolidação definitiva do regimen, a intangibilidade do dominio colonial, e, sobretudo, a gloria de havermos colaborado nessa conquista soberba da paz e da liberdade do mundo, por que é bem de paz e de liberdade a luta que nesta hora se está travando nos campos de batalha da França.

Pensará alguem que nessa ardida luta, são só a Belgica, a França, a Inglaterra as nações visadas pelo inimigo nessa furia selvatica, homicida, do imperialismo germanico? Não. Com a terra gauleza, agora atacada pela mais feroz das crueldades que teem deshonrado a historia, todas as nações da Europa sofrem, todas sentem a dôr que dilacera o coração da França. Todas elas são alvo da crueldade dessa horda de novos hunos que ergueu um segundo altar votivo ao deus da força e que comete a imunda torpeza de invocar Deus para a matança.

Cuidará alguem que o que se passa nessa terra desgraçada, calcada pela botifarra grosseira da Prussia, que essa série horrenda e inacreditavel de brutalidades praticadas por um povo que se diz descendente de Kant, de Wagner e de Goethe, se limitará á destruição de Louvain e de Reims?

Haverá quem não veja, com os inquietos olhos da alma, que tudo profundam e descortinam, que os barbaros ameaçam a nossa nobre Batalha, e essa maravilha dos Jeronimos, que perpetuam as nossas glorias passadas? Até agora desapareceram Louvain e Reims. Mas o orador visiona, entre o tragico alarido da soldadesca, ébria de *champagne* roubado, a morte de Aljubarrota e o desaparecimento dos *Luziadas*.

Em todas as hipoteses, a neutralidade sería para nós o fim dos fins

A nossa ida para a guerra—continua, por entre freneticos aplausos, o dr. Alexandre Braga—não representa uma explosão de espirito guerreiro nem a menor veleidade de dominio; não temos sombra de desejo de engrandecer ou dilatar o nosso territorio, seja á custa de quem fôr. Não nos impulsionam impetos quixotescos de agressão e de conquista. Além do indeclinavel cumprimento dos deveres de nação, fiel á letra dos tratados, apenas nos move um humano e legitimo direito de defeza.

Todavia, contra a ida das nossas tropas teem-se levantado os mais falsos e capciosos argumentos. Diz-se que a letra do tratado, nos não obriga a tomar parte na luta; que a remessa de um forte contingente, com o consequente enfraquecimento do país, nos póde expôr a qualquer surpreza por parte de outra nação; finalmente, que mandarmos soldados para a guerra é uma crueldade, porque isso corresponde a manda-los para a chacina.

Assim falam os cobardes. Não é a eles que responderá, mas ás almas simples e ingenuas, que taes doutrinas poderão porventura desvairar.

Não conhece a letra do tratado; mas a honra de um povo não se enrodilha nas dobras dos textos dos tratados, para procurar fugir ás suas obrigações pela porta falsa de interpretações chicaneiras e bisantinas. A Inglaterra tem usado para comnosco de uma lealdade notavel; nunca se furtou a dar-nos a certeza de que cumpriria estritamente as obrigações comnosco contraídas. Isto é bastante, é mais que necessário para todos os bons portuguêses.

Póde ser que haja quem mais se comova perante as razões de interesse que as de sentimento. Pois bem: é inevitavel—e até o conselheiro Pacheco o diria—que no fim da luta alguem hade saír vencedor. Supunhamos, embora esta hipotese só deva ter curso nos manicomios, que é a Alemanha a que triunfa. Que teremos nós a esperar? Da bondade das intenções da Alemanha para comnosco estamos nós fartos de ter flagrantes exemplos na ancia com que ela tem procurado entravar a nossa vida em Angola. E se ela antes da guerra tem sido de tal estôfo, o que sería depois, bebeda de gloria, sofrega de esmagamento e de dominio, quando pudésse efectuar os ambiciosos propositos que sistematicamente tem revelado?

Era o fim dos fins. Mas, tendo nós cumprido os nossos deveres sería o fim dos fins, com honra. Que nos valería a nós a nossa neutralidade? E nesta hipotese, que mais poderia acrescentar-nos de mau uma atitude digna e nobilitante?

Mas por mais fantasista que possa ser a imaginação dos malucos, a Inglaterra, embora vencida, ficaria sempre incomparavelmente superior a nós em poderio. E como pagaria ela a nossa atitude de traição e de deslealdade? E' fatal que á furia da Alemanha viria juntar-se o justo resentimento da Inglaterra; e para nós, da mesma maneira, sería o fim dos fins—mas desta vez sem honra.

Mas ha ainda outra razão, tambem esmagadora. A Alemanha está combatendo não só aquela nação, mas todos os povos latinos, que, pela sua acção civilisadora, são de molde a irritar a ambição daquele povo, que tem feito a sua politica mundial com os mais detestaveis processos, com aquela diplomacia brutal e caserneira que imortalisou o nome da Bismark. Nada poderemos esperar dela.

Mandar as armas e ficar em casa sería a mais aviltante das vergonhas

Dizem tambem os asquerosos propagandistas da cobardia que a Inglaterra apenas nos pediu armas e que nós queremos mandar armas e homens. Não acredito—diz o orador com grande energia—que este perfido pensamento haja podido germinar no cerebro de um militar portuguêz, porque esse militar tería de ser cobarde e poltrão, e, felizmente, no nosso exercito não ha poltrões nem cobardes. Não sei se é verdade terem-nos pedido apenas baterias de artilharia.

O sr. dr. Afonso Costa:—Não é verdade!

O que sei—prosegue o orador—o que afirmo é que, quando esse boato se espalhou, ignoro porque veiculo, no conhecimento publico, vi lagrimas de indignação e de vergonha nos olhos de muitos militares, mesmo nos de alguns que não teem simpatías pela Republica. Um bravo oficial, prototipo do militar portuguêz, disse-me palavras que cortariam como um chicote o rosto do militar que pensasse sequer em abandonar as nossas armas, para que outros tivéssem coragem e valor por ele, emquanto ele ficasse a fazer *crochet*, ás noites, no seio da familia.

Não!—brada Alexandre Braga. Tenho ainda no ouvido as palavras, vibrantes de indignação e revolta, que esse oficial proferiu: *Se as nossas armas não pódem ser por nós manejadas com honra, mandemos-lhes tambem as nossas fardas!*

Quando pensa na abjecta torpeza que poude gerar no cerebro de alguem esta escorrencia, felizmente infiltrada em poucas almas, o orador pergunta a si mesmo que estranha ancestralidade de cobarde e de traidor, que conubio danado de Miguel de Vasconcelos e de D. João VI foi preciso que surgisse á luz, para que portuguêses, que teem na sua historia o Bussaco, Aljubarrota e Montes Claros ousassem sequer abrigar tão indecorosa e aviltante abjecção.

O orador analisa depois o suposto perigo de uma surpreza de outra nação. Crê que ninguem fará á Hespanha a injuria de acreditar que a ela se refere tal monstruosidade. A Hespanha, tradicionalmente cavalheirosa e fidalga, ficaría desonrada no dia em que aproveitasse semelhante ensejo para invadir o nosso país. Mas se assim é, se estamos nas melhores relações com o povo visinho, se não ha sombra de desacordo entre as instituições e o govêrno dos dois países, se nada póde justificar tal apreensão, a que país póde encabeçar-se a perfidia suspeita que os cobardes alimentam e propagam?

Não o sabe o orador. O que sabe é que á frente do govêrno está Bernardino Machado, republicano puro e cidadão exemplar, que é a suprema garantia de que todas as hipoteses hão-de ser previstas. Sabe que lá longe vive um grande, um admiravel povo que é nosso aliado e que não procurará, nas entrelinhas dos tratados, qualquer pretexto para deixar de cumprir o seu dever.

Não ha, felizmente, mulher portuguêsa que queira que o seu filho seja cobarde

O sr. dr. Alexandre Braga prosegue com extraordinaria veemencia:

O ultimo argumento dos poltrões, o mais venenoso, se não o mais inepto, é o que procura falar ao mesmo tempo aos ouvidos do medo e aos sentimentos de familia, ás ternuras das mães, ao amor dos paes e dos irmãos. E' torpe e indigno, repulsivo e inepto.

Eu vos exorto—diz o orador—ó mães portuguêsas, ó nobres e heroicas mulheres da minha terra, ó honrados homens do meu país, para que perdoeis aos traidores a afronta que vos querem cuspir.

Como ousam eles pensar que as mães desta linda terra, tão cheia de nobres tradições, pódem ser diferentes das mães da Belgica, da França, da Inglaterra e da Russia, que teem os seus filhos na guerra e que devoram agora silenciosamente as suas lagrimas de inquietação e de saudade, para que as não acusem de ser um elemento de fraqueza; que só mandam aos seus filhos palavras de coragem, de heroismo, de entusiasmo, para combater e vencer?

Como pódem eles pensar que são de carne diversa e de sangue diferente as mães que ainda ha pouco viram partir os seus filhos para a inospita Africa, onde o perigo de morte é maior que nos ardores da linha de batalha? Como pódem persuadir-se que uma mãe quer que seu filho seja cobarde, que abandone o seu posto, que fuja ao seu logar de honra?

Como querem que portuguêses abandonem a mãe que é de todos, mesmo dos que mãe não tivéram—a Patria, a razão da existencia de Portugal?

Pobres mães, trémulas velhinhas, de veneraveis cabelos brancos, deixae que vos beije as mãos e escutae estas palavras de verdade, que eu dirijo ao vosso coração: não ouçaes os monstros, os homens degenerados e indignos, que querem fazer uma torpe exploração com o vosso carinho. Dizei-lhes que mentem. Que se morre mais nos hospitaes do que na guerra; que uma epidemia, por benigna que seja, póde ceifar mais vidas do que o fragor das batalhas; que quando lançaste ao mundo os vossos filhos, não foi para que eles se furtassem ao cumprimento do seu dever. Dizei-lhes que milhões de mães viram partir os seus filhos e os viram voltar, cobertos de gloria, mais estimados e mais queridos, mais venerados pelos que não pudéram partir e de quem eles foram defender a honra, o futuro, a dignidade. Dizei-lhes que ficam comvosco irmãos mais pequenos, e que é para defender esses irmãos mais pequenos, para não deixar que os barbaros venham assassinar os velhos, incendiar os vossos lares, roubar o pão da vossa meza, o vinho das vossas colheitas e os frutos dos vossos pomares, que os vossos filhos partem para a guerra.

Dizei-lhes tudo isso e dizei-lhes ainda quanta desonra e oprobio caíriam sobre o vosso filho que fugisse, quando os outros voltassem, entre musicas e abraços, cobertos de flores, requestados por todas as raparigas da aldeia. Dizei-lhes, conclue o orador, que então sim, então é que o vosso filho estaría perdido, porque a fuga o tinha levado á peior de todas as mortes, á morte em vida, ao despreso, á repulsa, a que todos votaram o rapaz que não tivésse alma, nem brio, nem força, para varrer, para matar a tiro, os ladrões da sua patria, os invasores do seu lar.

Dr. Antonio Leitão

Fixou residencia em Lisboa montando ali um laboratorio de radiologia onde dá consultas diarias tanto de clinica geral como sobre doenças dos climas quentes, sifilis, tuberculose, utero, ovarios, etc., etc., o nosso conterraneo e amigo, dr. Antonio Nascimento Leitão, que além de ser um medico distinto, com prática nos principaes laboratorios de Paris, se destaca ainda pela sua grande pericia em operações cirurgicas, como o vem demonstrando quasi desde os bancos das escolas em que foi aplicado aluno.

O escritorio do dr. Leitão é na rua de S. Vicente, á n.º 25-2.º.

Que continue a ser muito feliz são os nossos ardentes votos.

Navios bacalhoeiros

Procedentes dos bancos da Terra Nova entraram ultimamente no nosso porto os navios que tinham ido á pesca do bacalhau, pertencentes á flotilha de Aveiro, e que são os seguintes: hiate *Sofia*, capitaneado por Luiz Teiga; hiate *Africano*, por José Fernandes Pereira Junior; lugre *Dolores*, por Antonio José dos Santos; hiate *Maria Luiza*, por Amandio Fernandes Matias e lugre *Nautico*, por Antonio Fernandes Matias.

Faltam ainda as lugres *Anfitrite* e *Lucilia*, que é possivel entrem hoje se é que ainda não entraram. Trazem todos grande quantidade de peixe que está sendo transportado para os secadouros situados uns na Gafanha outros nas proximidades de Ilhavo onde a azafama tem sido grande.

Pela instrução

Efectuou-se no domingo, no Teatro Aveirense, belamente ornamentado a capricho por alguns professores, a anunciada conferencia do sr. dr. Augusto Alves dos Santos, ilustrado professor de pedagogia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que chamou áquela casa não só o professorado do circulo escolar de Aveiro, como ainda avultado numero de cidadãos estranhos á classe, dentre os quaes o sr. governador civil do distrito, funcionarios publicos, artistas, etc.

Escolhido para presidir á sessão o sr. dr. Alvaro de Moura, reitor do liceu, secretariado pela sr.ª D. Clementina Barreto e Julio Alfredo Lourenço Catarino, professores mais velhos no circulo, é dada a palavra ao ilustre conferente, que o sr. dr. Alvaro de Moura apresentou como sendo dos mais competentes paladinos da instrução, tecendo-lhe rasgados e merecidos elogios.

O sr. dr. Alves dos Santos começa por dizer que nunca procurou exibir-se, nunca procurou brilhar no meio da sociedade, mas tão sómente prestar á mesma sociedade o que todo o homem que estuda lhe deve em conhecimentos por mais reduzidos que sejam. Tem despreso pelas mascaras, tem um odio profundo á hipocrisia, ao fingimento, á falsidade e por isso mesmo se apresenta em publico sempre que póde a prégar em beneficio do que entende ser uma necessidade no nosso país, embora tenha de dizer duras verdades, bem amargas para aqueles que teem a seu cargo a instrução, mas em todo o caso verdades que é preciso serem conhecidas para que se não julgue que vivemos no melhor dos mundos possiveis. Não. A instrução primaria em Portugal está ainda muito longe de ter atingido o grau de aperfeiçoamento a que fatalmente deve chegar por assim o exigir um povo que quer progredir, avançar a par das outras nações cultas.

Alude á guerra atual, lamentando que a Belgica, país pequeno, mas onde a instrução e a educação eram ministradas com inexcedivel zelo, o que lhe valeu elevar-se no concerto das outras nações. Diz que se acha desorientado depois que viu caír por terra o que ela tinha de melhor na arte e na instrução pois é profundamente triste, além de revoltante, vêr desaparecer o que tanto custou a construir e que o mundo admirava, estatico, porque encerravam de prodigioso esses dois monumentos destruidos pelos canhões inimigos, que se chamavam a Universidade de Louvain e a catedral de Reims.

Entrando propriamente no assunto, afiança o sr. dr. Alves dos Santos, que a educação consiste em fazer da creança um homem, um ser superior. Compara as creanças ás plantas e os professores aos jardineiros.

Explana os deveres destes no cumprimento da sua delicada missão, as funções que teem a desempenhar para o aperfeiçoamento da espécie se é que quer ter o nome de bom jardineiro. Na pequena Republica Suissa a pessoa mais considerada é o professor. Não ha padre, não ha bispo, não ha cardeal, não ha ministro ou outra entidade que eguale e acumule tanto respeito como

o professor primario. E porquê. Porque a instrução, muito embora separada da educação, é a base de tudo. Da instrução vem a moral, a ilustração, a lucidez. Mas instruir, só, não. E' preciso tambem educar porque é da educação que brota o sentimento, que se fórma o caracter, que nasce, emfim, a energia para conduzir o homem na luta pela vida. Mahomet não sabia lêr nem escrever. O mesmo acontecia a Jesus Cristo que, contudo, exerceram notavel influencia no mundo, só pela sua educação e pelo seu talento, influencia que se transmitiu atravez dos seculos, como a historia no-lo indica.

O peor mal para o ensino é o burocrata, o *manga de alpaca*, que até hoje só o tem entravado sem que apareça quem resista a tamanha força que dia a dia o avassala. E', por isso, pela descentralisação a mais lacta, a mais completa. Só nos cursos superiores mudou o aspecto da questão devendo-se á iniciativa da Republica a transformação porque passou esse ensino.

O conferente censura com veemencia o facto de toda a gente abdicar de si mesmo para se dirigir ao Estado a proposito de tudo e para tudo, aconselhando o professor a habituar-se a não seguir semelhante sistêma por improprio da classe e pouco honroso para quem o faz. Tem uma grande confiança no futuro da raça; fala no brilhantismo da nossa historia e pondo em destaque os serviços que á instrução tem prestado o sr. Domingos Cerqueira, inspector do circulo escolar de Aveiro, a quem conhece de longa data, remata as suas considerações por agradecer a atenção com que o escutaram, prometendo voltar a fazer nova palestra assim que as circunstancias lho permitam.

O sr. dr. Alves dos Santos, que durante uma hora prendeu a assistencia com o seu impolgante discurso, têve no fim uma larga ovação sendo-lhe oferecido pelo professor, sr. Antonio Rodrigues Pepino, em nome dos seus colégas, um tinteiro de cristal e prata, encerrado em estojo proprio, lembrança que cativou estremamente sua ex.ª.

Lamentando que o espaço não nos permita desenvolver mais o assunto, para nós de capital importancia, e tão bem esplanado no domingo, restanos felicitar o sr. Domingos Cerqueira pela louvavel iniciativa que tomou e animal-o a proseguir, sem desanimo, na continuação dos seus nobres intentos com os quaes o país tanto tem a lucrar.

Transcripções

O nossos colégas *A Patria*, de Ovar, e *O Radical*, de Oliveira de Azemeis, dignaramse transcrever respectivamente os artigos *Saudando Portugal e a bandeira da Republica* e *Novas inspeções militares*, insertos nas colunas do *Democrata*, o quemuito lhes agradecemos.

Necrología

Acaba de falecer em Esgueira o sr. Manuel Fernandes da Silva, tambem conhecido pelo *Carramona*, que deixa uma fortuna avaliada nuns 500 a 700 contos. Pois apezar disso o *Carramona* não se lembrou duma unica casa de caridade, nem sequer lhe é atribuido qualquer acto de benemerencia pelo qual nos leve a dedicar duas linhas á sua memoria além das do simples registo da morte de tão inutil creatura.

Ao enterramento assistiu a banda dos Bombeiros Voluntarios para esse fim contratada pela familia.

Artigo sensacional

Perez Caballero, jornalista dos mais categorisados da visinha Espanha, acaba de publicar no *Diario Universal* um artigo ácêrca da atitude de Portugal perante o conflito europeu, que bem merece ser transportado para estas colunas atentas as afirmações nele contidas e a autoridade do nome que as firma. Assim, o ilustre diplomata espanhol abordando o palpitante assunto discutido em todo o mundo, diz:

Propusera-me não voltar a fazer referencia á cruenta conflagração que devasta a Europa até que por alguma fórma se decidam as interminaveis batalhas que, com variada sorte, se travam no territorio francês. A atitude que a imprensa atribue a Portugal obriga-me a modificar a resolução tomada e a expôr alguns comentarios. O facto, a confirmar-se, revestiria extraordinaria importancia para nós e seria, em meu entender, o mais importante dos que podiam afectar-nos desde o principio da guerra, e bem merece que o analisemos com a frieza e o raciocinio que procuro dar aos meus modestos artigos. A realidade impõe-se, e a unidade geografica em que convivem Espanha e Portugal faz com que necessariamente repercuta em um dos dois países o que noutro suceda. Basta recordar a antiga e moderna historia para o comprovar.

* * *

O povo português sempre têve um instinto politico internacional, de que o espanhol carece. Os nossos visinhos conscientes da sua debilidade nacional, sem que nisso haja o maior desdouro, compreenderam que a defêsa da sua gloriosa independencia e a conservação das suas ricas e extensas colonias dependiam em grande parte da sua posição diplomatica e das suas amisades externas. A sua tradicional aliança com a Inglaterra que tem origem em 1294, entre o chamado rei lavrador D. Diniz e Eduardo I, proporcionou-lhe uma orientação fixa e o bem inestimavel de garantir ao mesmo tempo a absoluta segurança da metropole e das colonias. Nós não podemos, infelizmente, dizer outro tanto. Engrandecidos umas vezes com a nossa superioridade e positivo poderio, desanimados outras, com excesso, pela decadencia, já secular, das nossas forças, marchamos sem rumo fixo, lançando-nos umas vezes nos braços da Inglaterra, e outras, muitas, nos braços da França, segundo as complicações de momento, mas contradizendo-nos a cada passo e sem fixar nunca as verdadeiras aspirações nacionais. Nos ultimos tempos, e em particular desde a restauração monarquica de 1875, o isolamento foi a unica politica internacional realizada pelos govêrnos e sentida pelo país, com o especioso envolvimento da neutralidade, que no dizer dos seus defensores nos traz a amisade de todos, embora na realidade tenha significado a geral indiferença. Só em nossos dias, desde que, depois do gravissimo incidente de Fashoda, a Inglaterra e a França se aproximaram até formar uma cordeal inteligencia, que equivalia, pelo que vimos mais tarde, a uma formal aliança ofensiva e defensiva, uma parte directiva de nossos politicos decidia-se a procurar em acôrdos concretos sobre Marrocos e o Mediterraneo a nossa aproximação para os dois poderosos países que, na realidade, são nossos verdadeiros visinhos. Nisto, como em quasi tudo, o grande Moret foi um dos precursores. Em novembro de 1903, discutinde-se no Congresso o orçamento do ministério do iuterior, precisou muito acertadamente, e convem recordar que ainda não era publica a *entente* franco-inglêsa, que a missão internacional da Espanha tinha de realizar-se pela dupla e ponderada inteligencia com a França e a Grã-Bretanha.

Comentando tais informações publiquei no *Diario Universal* um artigo intitulado *As alianças*. A obsessão do isolamento internacional é tão poderosa em Espanha, que, apezar da Acta de Algeciras, dos Pactos de 1907 e do tratado hispano-francês de 1912, e de toda uma serie de actos encaminhados á aproximação anglo-francêsa, em especial a segunda entrevista de Cartagena, logo que surgiu o momento de tomar um lugar definitivo pela manifestação da guerra europêa o govêrno e a opinião publica voltaram, muito decididos e satisfeitos, sob a fórma de uma *neutralidade* não espectante e amistosa para uma das partes. De *inerme* a classifica hoje no *A B C* o sr. D. Angel Ossorio. Portugal, pelo contrario, foi sempre fiel á sua orientação internacional. Se alguma vez sofreu um eclipse, como em 1890, pela exigencia de Inglaterra para evacuar o país dos makololos, que o intrepido Serpa Pinto dominára, bem rapidamente, contendo as suas sucessivas aspirações de expansão, voltou a retomar as suas relações com a Inglaterra. E procedeu igualmente no regimen monarquico como no regimen republicano. Ao iniciar-se a magna conflagração presente não duvidou nem hesitou um momento. O govêrno, com perfeito senso constitucional e politico, apressou-se a reunir o parlamento, do qual obteve legalmente poderes dictatoriais, e as câmaras votaram unanimemente a mensagem ministerial reiterando a sua aliança com a Inglaterra e a sua simpatía pelos beligerantes aliados—Inglaterra, França, Russia, Servia e Montenegro. Por isso não fez declaração de neutralidade e por isso hoje, na força da logica, da lealdade e do que êles julgam a conveniencia nacional, respondem ao apelo dos aliados e dispõem-se a ajudá-los na medida dos seus recursos.

* * *

Parece-me que o facto merece outra atenção e outros comentarios, além das bréves linhas com que foi recebido por alguns. E' curioso e injusto que enquanto recebemos tão molestados qualquer apreciação desagradavel, por parte especialmente da imprensa e dos escritores da França, estejamos sempre dispostos a procurar o lado comico, e até o ridiculo, no que se refere a Portugal. E, todavia, não ha mais diferença entre os dois países ibericos, do que a que existe entre a Espanha, França e Inglaterra sob os aspectos politicos, militar e economico. A melhor maneira de conseguir que nos respeitem é dar o exemplo de respeitar os outros, tanto os poderosos como os fracos. O facto da desproporção entre os beligerantes não é novo: Montenegro, com 9:000 quilometros de extensão territorial e 250:000 habitantes, declorou a guerra aos imensos e poderosos imperios germanicos, e a Espanha declarou a guerra aos Estados-Unidos.

Portugal no seu territorio metropolitano ocupa uma extensão de cêrca de 90.000 quilometros quadrados, que se elevam a 92.000 com as ilhas dos Açôres e da Madeira, e tem muito proximo de seis milhões de habitantes, pouco menos do que a Belgica, que tantas provas de heroismo e de patriotismo está dando. As colonias portuguêsas ocupam uma extensão que passa de dois milhões de quilometros quadrados, com cêrca de oitó milhões de habitantes. Além disso, Portugal não vai medir-se só com imperios poderosos, mas auxiliar os seus poderosissimos aliados, praticando um acto de solidariedade politica na medida das suas forças. E como bôa prova do apreço dado á sua atitude, a Inglaterra e a França enviam navios de guerra a Lisboa para festejar o quarto aniversário da proclamação da Republica Portuguêsa, circunstancia que merece a nossa atenta consideração. Na parada militar com que se festejou este acontecimento historico, apareceu na tribuna oficial o presidente da Republica ladeado pelos ministros plenipotenciarios da Inglaterra e da França. Uma manifestação publica percorreu as ruas de Lisboa dando vivas aos beligerantes aliados e visitando, no meio de atroadores aplausos, os representantes diplomaticos dos referidos países. Tudo isso confere ao país visinho e irmão uma personalidade internacional muito apreciavel, que lhe permite olhar o futuro com tranquilidade e segurança. Está claro que precisa repelir com indignação as fantasticas pretensões de alguns portuguêses, que só em sonhos pudéram vêr a falsa promessa do ministro inglês Winston Churchill de compensar os seus esforços belicos com a anexação das nossas quatro provincias galegas. Mas o unico facto de que tão infundados boatos se espalhem em Portugal deve provocar em nós qualquer coisa mais do que um sorriso, dado que a missão politica que deveria reinar entre os dois países era de paz, de carinho e de intimidade, que é a que verdadeiramente corresponde aos profundos sentimentos de alma e conveniencias efectivas dos dois povos, e não a de receios e mutuas e opostas ambições de impossivel realisação por uma e outra parte, mas suficientes para os obrigar a extraordinarios esforços reciprocos e para ambos igualmente prejudiciaes. A tensão que taes desejos estabelecem entre os dois povos ibericos constitue ou deve constituir mais outro motivo de atenção, se não de preocupação, para o nosso país, e, sobretudo, para os encarregados do seu govêrno. Não ha perigos pequenos nem menos apreciaveis quando as circunstancias se apresentam tão complexas como as presentes. Os absurdos tambem teem ás vezes a sua realisação. A Inglaterra, devia e deve ser um novo laço de união entre Espanha e Portugal pela secular aliança com este e pela cordial amizade comnosco, e sería mais do que torpesa insigne o não prevenir que possa tomar outro papel contrario aos nossos interesses nacionaes. Nem agressores, nem agredidos: nem sonhos de expansão espanhola, nem ambições territoriaes portuguêsas. Já disse isto ha muitos anos néstas mesmas colunas, e repito hoje, com a mesma fé e a mesma convicção.

Irmãos, disse então e reproduzo agora, que disfrutam em paz a fortuna herdada, devemos ser nós, espanhoes e portuguêses, deixando aos azares do futuro e á incognita do tempo a possibilidade de que, por formulas ou processos que não temos de averiguar, mas que só serão bons e legitimos se forem obra do concurso de todos, volte a reconstituir-se a capital primitiva. Quanto tenda a romper a harmonia entre espanhoes e portuguêses não será só grave, gravissimo. Embora só considerado sob este aspecto, a atitude atribuida a Portugal de cooperar militarmente com os aliados merece ser atentamente examinada por nós. Não se trata do maior ou menor contingente que parta nem dos louros belicos que possa conquistar. O importante é o procedimento e o indispensavel é que isso não signifique para nós nem oposições aos nossos interesses e ainda menos uma ameaça. Já é bastante que a decisão de Portugal nos envolva entre dois beligerantes aliados: a França pelo norte e Portugal pelo oéste, e ainda podemos dizer, completamente rodeado, pois a Inglaterra, como senhora do mar, domina as nossas costas. A atitude atribuida a Portugal interessa-nos sobre multiplos aspectos. E deixo para outro dia o diplomatico, referente á futura e ainda longiqua conferencia ou congresso da paz.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

OUTUBRO

DIAS	PHARMACIAS
25	BRITO

O SAL

Corre agora no mercado ao preço de 55$00 o vagon.

ULTIMA HORA

Ainda os acontecimentos da semana

O "Dia„ a "Nação„ e a "Vanguarda„

Além dos jornaes que noutra parte mencionâmos como tendo sofrido assaltos da população de Lisboa indignada pela sua atitude hostil ás instituições, contam-se ainda o *Dia*, a *Nação* e a *Vanguarda*, este pseudo orgão socialista dirigido por um tal Pedro Muralha muito da intimidade da tropa fandanga realenga. Quer dum quer dos outros nada se aproveita. O mobiliario foi todo destruido, o tipo empastelado, as maquinas partidas chegando, os bombeiros a comparecer afim de apagarem o fogo que, na rua, tinha sido lançado a muitos objectos néla amontoados.

Quando a força publica chegou não poude fazer mais do que guardar os destroços visto os amotinados terem completado já a sua obra. A qual obra condiz exuberantemente cóm as provocações déssa imprensa ultra irritante todos os dias lançadas com que a pedirem o justo castigo dos que, amando a Republica, não pódem consentir afrontas aos mercenários que a combatem.

Medidas do govêrno

A folha oficial, chegada hoje, traz o decreto, longamente justificado, sobre o julgamento dos presos em flagrante delito de rebelião e que dentro em bréve terão de apresentar-se num tribunal militar instituido em Lisboa, conforme o artigo 4.º do mesmo decreto.

Não se confirma a prisão do tenente Constancio, chefe do movimento revolucionario, havendo quem afirme que se acha já a bom recato.

Anuncios